

NOVOS MUSEUS NOVOS PERFIS PROFISSIONAIS

Maria Madalena CORDOVIL

I - INTRODUÇÃO

A recente Declaração de Caracas considera no seu ponto 6 que a "profissionalização do pessoal dos museus é uma prioridade que esta instituição deve encarar como premissa para contribuir para o desenvolvimento integral das populações" (p. 13). A esta recomendação subjaz a ideia de que a formação do museólogo deve "torná-lo capaz de desempenhar as tarefas interdisciplinares próprias do museu actual, ao mesmo tempo que dotá-lo dos elementos indispensáveis para exercer uma liderança social, uma gestão eficiente e uma comunicação acertada" (id. p. 13).

Ora, este novo perfil profissional dos trabalhadores dos museus proposto pelos participantes do Seminário de Caracas, supõe, igualmente, a existência de um "novo Museu".

Antes de definir o perfil do novo museólogo impõe-se, então, percorrer a história mais recente da museologia e verificar quando, de que maneira e que circunstâncias determinaram que o conceito de Museu tivesse sido alterado, bem como os novos conteúdos que tal conceito integra hoje.

Para tanto servimo-nos das ideias e do debate suscitados ao longo do ano, não apenas nas sessões de "Função Social dos Museus", mas dos contributos de outras áreas e socorremo-nos de bibliografia suplementar àquela que foi fornecida, sobretudo, para verificar como, no caso português, as ideias de "novo Museu" e de "novo museólogo" têm sido entendidas e aplicadas.

II - O NASCIMENTO DA NOVA MUSEOLOGIA

Durante mais de um século o Museu permaneceu como uma instituição inquestionada. Local de "culto" e repositório do prestígio da sociedade dominante, o Museu ia difundindo a sua "coleção" a um "público" que se pretendia variado e que nela se revia ou não, mas, ao qual eram transmitidos os valores que as peças veiculavam.

A emergência de novos paradigmas sociais, económicos e políticos na segunda metade do nosso século vem afectar todas as estruturas e instituições. A tais mudanças não escapou a instituição Museu.

De facto, logo no imediato pós-guerra, a acção de Georges-Henri Rivière começa a fazer sentir-se, primeiro em França e, depois, um pouco por toda a parte. No início dos anos 60 uma equipa liderada por Hugues de Varine-Bohan transforma todo um território económica e

socialmente degradado no *Ecomuseu* de Cresot com a participação da população. (Provavelmente nasceu então o termo e constituiu-se o conceito de *Ecomuseu*).

Experiências semelhantes desenvolveram-se, então, na Europa e no continente americano. Aproveitando as especificidades latino-americanas e o momento particular que então se vivia no Chile, o ICOM promove em 1972 a Mesa Redonda de Santiago significativamente dedicada ao tema "*O desenvolvimento e o papel dos Museus no mundo contemporâneo*".

Logo aí, no tema mesmo da Mesa Redonda, se introduzem duas ideias inovadoras no que respeita à museologia, aos seus fins e métodos: por um lado, a ideia de que o desenvolvimento dos povos é algo que tem a ver também com os museus e, por outro, a ideia de que o Museu não é apenas repositório de colecções do passado mas que a sua acção tem que ver com a contemporaneidade.

A declaração final afirma "a necessidade de uma tomada de consciência pelos Museus da situação presente e a necessidade para estes de desempenhar um papel decisivo num mundo em transformação", ao mesmo tempo que lembra que a abordagem da realidade socio-cultural deve ser multidisciplinar e interdisciplinar. Abrem-se, então, as portas à existência de um Museu de novo tipo que se adapte e sirva as pequenas comunidades locais e regionais.

A esta museologia de cariz popular a declaração chama *Museu Integral* e define-a como vocacionada para "situar o *público* no *seu mundo* para poder tomar consciência da sua problemática enquanto indivíduo e homem-social".

Do mesmo modo, as experiências estimuladas pela Mesa Redonda de Santiago, visavam transformar o Museu num organismo vital para a Comunidade e num instrumento eficaz para o seu desenvolvimento integral, como vinte anos mais tarde, reconheceram os participantes do Seminário de Caracas.

O desenvolvimento de tais experiências museais, um pouco por todo o mundo, levou à primeira reunião internacional da Nova Museologia que teve lugar no Québec em 1984. Pouco tempo depois, realizou-se no México uma reunião que juntou alguns dos participantes do Québec a outros latino-americanos. A declaração final desta assembleia, conhecida como *Declaratoria de Oaxtepec*, é da máxima importância porque define claramente o novo tipo de Museu, adaptado aos novos tempos, assimilando os conceitos de ecomuseologia e da nova museologia e pondo a tónica no desenvolvimento e no equilíbrio ecológico. Aí se afirma: "O museu tradicional produz-se num *edifício*, com uma *colecção* e para um *público* determinado. Trata-se agora de ultrapassar estes princípios substituindo-os por um *território*, um *património integrado* e uma *comunidade participativa*."

Mais se afirmava então, que um tal museu constituía um "Acto pedagógico para o ecodesenvolvimento".

Estamos, de facto, perante uma nova concepção de Museologia e um novo tipo de Museus e não se trata já de adaptar ou ampliar as funções do museu tradicional.

A escassez do espaço disponível não permite uma análise cuidada dos pressupostos e das conclusões das duas declarações em apreço, mas não podemos deixar de sublinhar, pela síntese que representa, o seguinte ponto da Declaratoria de Oaxtepec: "É necessário fortalecer e desenhar acções que integrem vontades políticas conscientes, a fim de preservar a *cultura viva*, o património material, o desenvolvimento sócio-económico e a dignidade humana".

Curiosamente, mas mais tarde, em 1987, durante o IIIº Atelier Internacional da Nova Museologia, reunido em Aragão, René Rivard, retomou as mesmas ideias ao afirmar que "A nova museologia tem essencialmente por missão favorecer por todos os meios, o desenvolvimento da cultura crítica no indivíduo e o seu desenvolvimento em todas as camadas da sociedade como melhor remédio para a desculturização, a massificação ou a falsa cultura". E mais adiante: "Dependendo do tipo de instituição na qual opera, a nova museologia, utiliza, então, as culturas etnológicas e as culturas eruditas para proporcionar o desenvolvimento desta cultura crítica que permite *adquirir o sentido da qualidade, libertar-se dos estereótipos e portanto, assegurar ao maior número uma estratégia de vida individual e colectiva do mesmo modo que uma identidade mais forte*". (Museologie et Cultures, p.p. 3/4. Sublinhados do autor).

Para o desenvolvimento desta consciência cultural e patrimonial como meios de desenvolvimento integral, os participantes da Assembleia de Oaxtepec recomendavam:

- . "Formação de promotores seleccionados no próprio meio.
- . Criação de estruturas associativas.
- . Criação de uma museografia popular, incluindo inventariação, conservação, apresentação, valorativa e difusão.
- . *Preparação e participação de profissionais para um diálogo consciente com a comunidade*".

O que, definido que está o Novo Museu, implica que se encontre para ele o perfil do profissional adequado.

III. O NASCIMENTO DO NOVO MUSEÓLOGO

1 - O Desenvolvimento - Novo Desafio dos Museus.

A Mesa redonda de Santiago do Chile sublinhava com ênfase a "orientação eminente social do papel da museologia". Tal directiva foi assumida e reforçada em Oaxtepec. Esta declaração vai mesmo mais longe ao terminar afirmando ver na "museologia um *instrumento* para o livre desenvolvimento das comunidades".

Duas décadas decorridas, os participantes reunidos em Caracas reafirmam esta função social do museu atribuindo-lhe uma nova dimensão que *"é a de ser protagonista do seu tempo"*

e conclamam os trabalhadores do museu a "assumir a *dinâmica da mudança* e a preparar-se para enfrentar com êxito o desafio".

Entretanto, em Portugal, inúmeros textos, sobretudo da última década, dão igualmente conta desta preocupação. É que, também entre nós, o desenvolvimento passou a estar no centro das preocupações dos museus. Pode bem dizer-se que *o desenvolvimento é agora o novo desafio*.

Em praticamente todos os Encontros celebrados desde 1985 até aos nossos dias (*Jornadas Sobre a Função Social do Museu: Encontros Nacionais sobre Museologia e Autarquia*) encontramos temáticas, comunicações, conclusões e recomendações que versam o problema do desenvolvimento das comunidades. Tal reflexão teórica, que não cabe aqui analisar exaustivamente, chegou a definir os contornos do modelo de desenvolvimento que se requer - desenvolvimento integrado por oposição ao simples crescimento económico - e a posicionar perante esse desafio os vários intervenientes: população, museólogos, poder autárquico, poder político central. Bem como, a redefinir os elementos constituintes do Museu.

2 - O Papel do Museólogo no Museu Tradicional

Em comunicação apresentada às Ias Jornadas Sobre a Função Social do Museu, Rui Parreira dá conta dos equívocos que envolvem a designação de Museólogo. De facto, no museu tradicional, o Museólogo era identificável ao Conservador. Ora, nesse tipo de instituições, o conservador tem a seu cargo a preservação da *coleção*, o seu equilíbrio físico e químico, uma vez que os objectos estão deslocados do seu contexto ambiental e histórico e a sua apresentação a um público, que se pretende vasto.

Isto equivale a dizer que o conservador é um especialista, com formação académica adequada, na administração, na conservação e no restauro de peças. Raramente se ocupa da investigação aprofundada do património que tem à sua guarda e por vezes, realiza actividades de extensão cultural.

Como já atrás demos conta, o novo conceito de Museu, definido a partir da Mesa Redonda de Santiago, deitou abaixo as barreiras, entre o *objecto* e os seus *utentes* ao substituir o conceito de *público* pelo de *população* e *comunidade*; deixou de sacralizar o objecto ao mantê-lo no seu enquadramento histórico e ambiental, falando-se agora de *património integrado*, humanamente valorizado; e aboliu mesmo o conceito e a necessidade do *edifício*, substituindo-o por todo o *território* em que a comunidade exerce a sua actividade e influência. Desde logo, a função do conservador deixa de ter, neste tipo de Museu, o enquadramento anterior. Não só as tarefas são diversas, como há que contar, aqui, com a intervenção de outros agentes - a comunidade, e ainda, o destino e o usufruto do património assumem um carácter distinto daquele que têm no Museu tradicional.

3 - O Novo Museólogo

Ao novo Museu incumbem então diferentes funções, muito para além da tradicional conservação de uma colecção. O IV Atelier da Nova Museologia define como objectivos comuns do Museu a favor das populações:

- * favorecer a tomada de consciência, contribuir para o despertar da dimensão política, cultural e social com vista à reapropriação do território, do património para um autodesenvolvimento individual e colectivo;

- * estimular a criatividade em função de uma qualidade de vida, da felicidade e do prazer;

- * favorecer as trocas culturais reconhecendo o saber das populações. (Cadernos de Minom, nº1, p. 13).

Por outro lado, é claro que esta acção se faz *com* as populações e *para* elas, pondo sempre a tónica na liberdade e na criatividade das próprias comunidades. Tais intenções ressaltam nas conclusões do grupo III das citadas Ias Jornadas, quando se afirma que "a museologia (... instrumentos...) a par de outros, de desenvolvimento integral das populações e com as populações". (p. 33).

E mais adiante: "nesse sentido, o que há de novo nas práticas da Nova Museologia é a demonstração da capacidade (e a prática disso) de as populações se auto-organizarem para gerir o seu tempo e o seu futuro". Ou ainda "a acção da N. M. supõe a acção *criadora* da população no seu próprio desenvolvimento, ainda que haja a consciência de que essa participação se manifesta de modo vário, respeitando a diversidade de interesses, o grau de desenvolvimento e as necessidades em número de participantes em cada projecto (...)".

E a finalizar: "o novo Museu é um agente de desenvolvimento através de um trabalho criador e de sentido libertador feito pela população (em que se integra a equipa museal), para a população (...)", (p.34).

O mesmo documento dá um assinalável contributo para a definição, o enquadramento e o papel do museólogo ao afirmar que se reconhece "o carácter mais vasto da acção do museu e do museólogo que não pode confinar-se à acção cultural (que no entanto é essencial) e ao espaço local, mas reveste muitas vezes o carácter de intervenções nos domínios do social, do económico e até, do político (...)". Adiante e nas mesmas conclusões, afirma-se: "Na perspectiva do desenvolvimento integral da população a primeira obrigação do Museu e da equipa museal é detectar as carências do meio e responder-lhes de modo correcto e eficaz (...) na detecção e resposta a esses problemas têm papel fundamental os técnicos (museólogos, investigadores, animadores, agentes de desenvolvimento...) cuja acção se desenrola em ligação com os restantes elementos que integram o projecto e tem de ser sempre orientado para a resolução dos interesses da população. Nesse sentido o Museu é um centro de formação de criadores".

Do que acima fica transcrito ressalta que o museólogo do novo Museu é um profissional de tipo novo, que, além do domínio das áreas tradicionais da museologia (que me parece não deverem ser esquecidas), tem de ser capaz de detectar e gerir os problemas com que se defronta a comunidade, de responder a solicitações variadas que vão das questões culturais às socio-económicas e políticas.

Tem de ser capaz de integrar uma *equipa* que tome as *decisões* aos vários níveis, empreender, incentivar ou coordenar os vários trabalhos de *investigação* que decorram na área do Museu e finalmente, *gerir* o Museu.

Tal perfil implica um museólogo capaz de se integrar na população e se manter com ela um diálogo permanente. Um profissional deste tipo tem naturalmente de ser polivalente e de possuir uma formação transdisciplinar.

O que põe, finalmente, o problema da formação de museólogos para criar museus.

4 - Comunicação e Linguagem

Sejam quais forem os problemas concretos com que se defronta cada projecto museal, os museólogos sabem que "a função museológica é, fundamentalmente, um processo de comunicação que explica e orienta as actividades do museu (...)". (Declaração de Caracas, p.6). A linguagem específica do museu deve merecer ao museólogo e a toda a equipa um cuidado especial.

De facto, as linguagens utilizadas devem ser variadas e facilmente descodificáveis por todos os públicos de modo a que a comunicação seja eficaz e tenha utilidade. Além de que a comunicação no museu deve ser sempre entendida como um processo multidireccional e interactivo capaz de manter "um diálogo permanente que contribua para o desenvolvimento e o enriquecimento mútuos e evite a possibilidade de manipulação ou imposição de valores e sistemas de qualquer tipo". (id. p.7). Semelhante ideia já tinha de resto, sido afirmada nas Conclusões das Ias Jornadas Sobre a Função Social do Museu.

Os principais textos teóricos da Nova Museologia, nomeadamente a Declaração de Caracas, insistem ainda em que o museu dirija o seu discurso para o presente, mostrando que os objectos têm significado na cultura e na sociedade contemporânea e são por elas iluminados, e não apenas como meros testemunhos da produção cultural do passado, para concluir que, "nesse sentido o *processo* importa mais do que o *produto*" (id. p.8)

Quanto às tecnologias ou informação, que estão omnipresentes no mundo actual, a Declaração de Caracas aponta para que se aproveitem os seus benefícios e ensinamentos, utilizando-os de modo crítico, ao mesmo tempo que se aproveita a sua utilização para desmistificar o uso de tecnologias sofisticadas sempre que seja em proveito do homem na sua integridade.

Eis, pois uma nova vertente do perfil do novo museólogo.

IV - A FORMAÇÃO DOS NOVOS MUSEÓLOGOS

Definidos que estão o novo museu e o perfil do novo museólogo, não queremos terminar sem abordar uma questão que nos parece essencial: a formação dos novos profissionais à qual as instituições tradicionais não poderiam ter dado resposta.

Já as Declarações de Santiago e de Oaxtepec insistiam em dois ítems fundamentais no que respeita ao pessoal dos museus: por um lado, uma participação acrescida da população que gradualmente deverá dominar as técnicas e o saber museológico e por outro, a formação de novos profissionais, sensíveis à problemática acima enunciada, capazes de se integrar nas comunidades, partilhar com elas as responsabilidades e a gestão de projectos museais e dotados de um saber pluridisciplinar.

Coloca-se então, claramente o problema da formação profissional do novo museólogo.

Não deixa de ser sintomático que logo nas Ias Jornadas do Minom um dos temas em debate tenha sido *"A profissão do museólogo no quadro de uma nova Museologia"*.

Nas conclusões desse grupo de trabalho, de que este texto é largamente tributário, assinala-se no ponto 7:

"Perante a impossibilidade de as instituições actuais darem resposta cabal à formação dos profissionais de museus de acordo com as necessidades actualmente sentidas, justifica-se uma formação alternativa.

Recomenda-se que saia destas Jornadas uma Comissão encarregada de constituir um Centro de estudos para uma Nova Museologia que tenha nos seus objectivos a formação de novos profissionais, a criação de ateliers práticos locais e a formação permanente e que se assuma como interlocutor válido junto das Universidades e Institutos que promovem ou possam vir a promover a formação profissional."

Cremos que terá sido aí dado um primeiro passo para a resolução deste problema.

V - CONCLUSÃO

No respeito dos princípios acima enunciados que contemplam o enquadramento do novo museu e o perfil do novo museólogo, poderá o Museu ser então, o espaço privilegiado para que toda a comunidade se possa expressar, onde possa rever-se no seu passado comum e em conjunto, tomar em mãos o seu futuro.

É que, como afirmou Mário Moutinho em comunicação às Ias Jornadas Sobre a Função Social do Museu, "A relação entre o Museu e o seu público ou utilizador tem vindo a ser modificada no sentido de maior implicação deste no trabalho museológico, orientado cada vez mais para a satisfação das suas necessidades individuais e colectivas. Esta relação, passa pelo acesso à propriedade sobre o meio e consequentemente sobre o museu, flexibilidade do museu

para funcionar como um utensílio de intervenção social, pela valorização das competências, por estruturas de gestão não hierarquizadas e participadas." ("Museologia e Economia", in *Textos de Museologia*, p.66, Cadernos do Minom, nº1.).

O que em última análise, implica com a capacidade e o trabalho de dinamização que o museólogo for capaz de transmitir à comunidade em que se desenvolva o seu trabalho.